



Noite de cor

Nove noites, de Bernardo Carvalho

Mariana Arcuri*

Nove noites, de Bernardo Carvalho (2002), intriga e esparge possibilidades entrançadas. Os dados estão todos lá, o tema é claro (o suicídio do jovem antropólogo americano Buell Quain na selva brasileira, no final dos anos 1930); mesmo assim, a montagem do *puzzle* final mostra-se complexa, talvez impossível. O romance acossa com idas e vindas, mistérios antigos, indecifráveis – é todo incerteza. Não há justo e errado, falso e autêntico. Já na primeira página, um dos personagens adverte que “a verdade e a mentira não têm mais os sentidos que o trouxeram até aqui”. Dualidade é palavra emblemática na obra de Carvalho. A trama se vai arrumando em contrários, avanços e tropeços, fatos, chances, sugestões.

A começar pela forma escolhida para a narrativa, partida em duas vozes, dois estilos entrelaçados de contar uma história – afinal, a mesma história –, tudo é especular, imagem e reflexo. Há, por um lado, o relato do narrador-personagem, relato este que, embora pessoal, busca um tom seco, investigativo. Tal relato é calcado em fatos, pesquisas, entrevistas, descrições pormenorizadas de acontecimentos variados. A busca do narrador-personagem é por um objeto definido, não há espaço para divagação. O estilo quase jornalístico é rompido apenas no final da narrativa, quando o relato individualiza-se e assume um caráter mais emocional, revelando as ligações entre o narrador e a figura de Buell Quain.

* Mestranda em Literatura Brasileira (UFRJ).

A esse relato contrapõe-se – complementando-o – um outro, uma carta-testamento escrita por Manoel Perna, amigo de Buell Quain que guarda um terrível segredo a respeito das razões que levaram o norte-americano a suicidar-se. Essa carta, ao contrário do primeiro relato, não se detém em minúcias. A história vai sendo contada com largas – e pouco precisas – pinceladas. A carta-testamento revela na mesma medida em que se perde em devaneios circulares que nunca parecem chegar ao ponto ansiado pelo leitor.

Nada em *Nove noites* é certo, previsível. A ambiguidade da trama e do estilo da narrativa gera um confronto de forças fadado a não ter fim. Se por um lado há Buell Quain, jovem antropólogo americano, homem culto e sofisticado, por outro irrompe a força bruta de uma natureza crua e mormacenta, num legítimo *coração das trevas* tropical.

Do conflito entre essas duas partes, a contenção de um mundo lapidado e o imponderável de um universo brutal, nasce a tensão que, pouco a pouco, encharca a trama. A rotina de enraizamento do sujeito, a “raiz firme das coisas”, do desenrolar do ambiente que lhe é peculiar, é quebrada pelo momento intervalar, em que o homem, desamarrado, encontra-se à mercê do fortuito, da violência arrebatadora do mundo, que o convoca e, cheia de ímpetos, pasma-o completamente, o faz querê-la profundamente, vivamente. Engolido pela beleza frenética da coisa que o circunda, o homem deixa-se levar, curva-se ao vigor do imponderável, do puro impacto, puro som, pura imagem. O mundo convida-o muito, e ele anula uma cisão antes raciocinada e estabelecida ao se entregar, devoto, ao paganismo do desmesurado, do impetuoso, que não permite neutralidades, e assim solapa o olhar complacente, exato e limpo sobre si.

Em determinado momento, a leitura impõe-se compulsiva, furiosa e atropelada, embora quase se espatife contra um beco sem saída, em que a dúvida, e não uma verdade pronta, triunfa fragorosamente. O translúcido exaspera e fascina. É inevitável a sensação de se estar acompanhando o desenrolar de uma história por uma janela embaçada que deixa entrever apenas contornos pouco nítidos, sem distinção de linhas, traços, arestas, particularidades. A compreensão do leitor está inextricavelmente vinculada ao olhar de personagens diretamente participantes, ou mesmo coadjuvantes, do enigmático drama de Buell Quain.

Ao final da leitura, a pergunta martela – mas a solução não vem, ou, se parece vir, está misturada a mentiras, erros, possibilidades, versões. Para uns, a resposta pode insinuar-se com alguma facilidade, mas o romance de Bernardo Carvalho parece não querer apostar no simplismo de uma única saída, jogando com várias cartas, por vezes conflitantes, ao mesmo tempo. Em *Nove noites*, não há perdão para verdades; impera sublime a atmosfera de horror crescente que alucina e desarranja, sulca fundamente o homem e, sim, enseja um questionamento inesgotável. A mestria de Carvalho revela-se plenamente no artifício de mostrar e encobrir. E, no fundo, a pergunta ainda está lá: por quê? Por que o trágico do humano, de Buell Quain, “que se suicidou entre os índios krahô, em agosto de 1939”? Bernardo Carvalho arma sua trama dobrada em mil anéis espiralados de significados possíveis, searas plurais, entrecruzadas.

